

MADRUGADA II

SANTIAGO, 4,30 da madrugada de 23 de agosto (Pela Pa-nair do Brasil) — Como ia di-zendo, fiz uma pausa, fumei um cigarro — e obedeci a um desejo pueril, mas irresistível: olhei a janela. Tenho a certeza de que sonhei com o incêndio do “Vogue”; não faço qualquer esforço para rememorar o sonho, mas dentro dêle entrevejo, de cara lívida, o pobre Waldemar Schil-ler. Revivi sua aflição, seu desespêro ao lado da mulher, no meio da fumaça asfíxiante, su-bindo as escadas. Mas já não eram as escadas do “Vogue”, eram as dêste hotel; os negros americanos gritavam desespera-dos e eu pensava que, como o Dantinhas, devia molhar os len-çóis antes de amarrá-los para sair pela janela. Estou apenas no terceiro andar; se saltar que-brarei as pernas, mas não mor-rerei; penso astutamente em jo-gar antes um colchão, depois saltar em cima dêle, para amor-tecer o choque. Mas talvez o colchão já esteja incendiado; de qualquer modo não posso fazer nada se estou dormindo; resta-me apenas um segundo para es-capar, e estou enrolado neste sono, sem me poder erguer. A lâmpada acesa dôe-me nos olhos; estão me interrogando muito, são os homens do golpe ou os ho-mens contra o golpe, não sei; apenas sei que não me deixam ir, me torturam com essa lâmpada na cara, e o incêndio deve estar subindo as escadas.

Vejo os homens que se ati-ram e se esbarracham. O que é preciso é fazer um completo se-gredo sôbre a minha bursite; se descobrirem que estou sem fôr-ça nenhuma no braço direito, es-tou perdido, não me imponho. Revejo a cara de Waldemar Schiller, mas êle está, como sem-pre, muito correto em sua mesa, ao lado de uma jovem que deve ser sua mulher. Ele faz menção de me apresentar a moça, mas me apresso a declarar que já a conheço, é Glorinha Neder, ami-ga de Rosinha. Êle me olha com certo desprezo e diz que não é, é outra moça, me diz outro nome e diz que sou um cretino por não reconhecer as pessoas. A palavra cretino me fere, hesito um instante sôbre se devo revidar, tenho vontade de explicar as coisas a Fernando Ferreira para êle ver que tenho razão, mas Waldemar fala da notícia do incêndio, diz que é tudo falso, os jornais mentiram. Como jorna-lista sinto-me outra vez ofendi-do, mas digo com calma: “mas parece que houve um começo de incêndio na cozinha...”

Êle se levanta pálido, indig-nado, me desafia a ir ver a co-zinha, não há o mínimo sinal de incêndio; mas no momento de se levantar, êle se trai dizendo à moça: “venha, Glorinha...”

Então percebo que êle mente; tudo é verdade, houve o incên-dio, devo acordar com urgência para não morrer sufocado. Mas ao mesmo tempo Waldemar está tão calmo e irônico em sua me-sa que tenho vergonha de meu medo; preciso falar com Danti-nhas, que estava no Palácio quando houve o suicídio do pre-sidente Getúlio Vargas; êle me confirmará todos os fatos. Pre-ciso arrumar aquela sala do Es-critório e verificar se tudo está certo nos arquivos, conferir o di-nheiro e os recibos no cofre, ten-ho muita responsabilidade; dôe-me o braço.

27/8/55

R. B.

319